

# GUERRA CAPITAL

*Terrorismo criminal  
pelo mundo e no  
coração do Brasil*

Brasília, 2022

RENATO JÚNIOR • LAUREJAN FERRAÇO

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Ferraço, Laurejan

Guerra capital : terrorismo criminal pelo mundo  
e no coração do Brasil / Laurejan Ferraço, Renato  
Júnior. -- 1. ed. -- Brasília, DF : Ed. dos Autores,  
2022.

ISBN 978-65-00-51498-8

1. Ficção brasileira I. Renato Júnior. II. Título.

22-124983

CDD-B869.3

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

“Falar de touros não é a mesma coisa  
que entrar na arena.”  
(Provérbio espanhol)

Copyright © 2022 . Renato Júnior e Laurejan Ferraço

Todos os direitos reservados

Esta obra se inspira em fatos notórios da criminalidade violenta  
e expira ficção livremente. Qualquer semelhança com  
personagens reais não é mera coincidência.

Projeto gráfico e diagramação  
marcelopiresdesigner.com.br

# SUMÁRIO

PREFÁCIO .....	6	RASGANDO DINHEIRO:	
PRÓLOGO .....	8	O LOUCO DOMÍNIO DE ARAÇATUBA .....	110
TEMPLO ABSOLUTO DA CORRUPÇÃO .....	14	JOGOS SUPER-HUMANOS .....	122
CALDEIRÃO CAUDALOSO CARIOCA.....	20	O TOMBO DO PLANO PILOTO.....	128
JUDAS INFAME NO PORTAL DO INFERNO.....	30	SÍNDROME DE GUARAPUAVA .....	132
CABO DAS TORMENTAS SEM FIM .....	38	MEIA-LUA DE COMPASSO MORTAL .....	142
CAPILARIDADE UNIVERSAL.....	46	REGOZIJO ORGÁSTICO.....	150
CONEXÃO MOMBAÇA (BRASIL-QUÊNIA) .....	50	SOLDADOS DA FORTUNA.....	156
CHIFRES E PRESAS EM PÓ .....	56	PILOTOS COM GRIPEN, MARINHEIROS SEM MAR.....	162
INFILTRAÇÃO SELVAGEM.....	68	BABEL FEDERAL .....	168
GUERRA NA FRONTEIRA.....	76	EPÍLOGO .....	176
DA DIÁSPORA JUDAICA AO KIDON COMPRESSOR.....	92	SOBRE OS AUTORES .....	184
ÚLTIMA CARTADA .....	104		

## PREFÁCIO

Em algum momento e lugar da metade do século XXI, Renato Júnior é, ao mesmo tempo, autor e personagem desta obra. Sabemos sobre ele apenas o que deseja que saibamos: ex-membro da Polícia Federal, integrou um grupo especial de combate ao crime denominado “Alpha-Bravo”; idoso, tem na filha Raysha a interlocutora preferida para contar histórias que preenchem o livro, e assim dividir conosco, seus leitores, o que tem de mais valioso e amaldiçoado: a memória.

Com paciência de um Decamerão do crime, as vinte histórias contadas pelo antigo policial nos permitem perceber como elas garantem a fuga de uma tranquila aposentadoria que lhe parece desconfortável, todas nascidas de uma provocação inusitada, a matéria jornalística que erroneamente consagra a Polícia paulista como a grande responsável por solucionar um famoso roubo de ouro em um aeroporto, ocorrido no remoto ano de 2019. A partir disso, Renato quer esclarecer (ao menos para sua filha) os lapsos fáticos de grandes crimes brasileiros, registrar como foram elucidados, sem deixar de nos presentear com destino e as angústias de seus mandantes públicos, contando detalhes deliciosamente desconhecidos do submundo das grandes figuras que infringiram (em) a lei de modo magnífico, privilégio típico de quem os combateu nas fileiras. Ao mesmo tempo em que tenta resgatar o reconhecimento que lhe foi subtraído, busca também acertar as contas com o nosso presente, trazendo informações esclarecedoras sobre circunstâncias até então sigilosas, perdidas (senão apagadas) em algum inacessível computador de delegacia.

Ganhamos, com isso, um livro que invade a privacidade nacional e escancara a íntima relação entre o empresariado, o Estado e bandidos, se fossem formas e limites estabelecidos, mas que conduzem, com mãos de ferro, o destino desta nação e, de certo modo, escolhem quem será ou não preso por infringir a lei.

Não estamos aqui falando de uma obra do obscuro true crime,

embora utilize a ficção para despertar no leitor o prazer por relatos dramaturgicamente robustos e personagens cruelmente humanos. Da mesma forma, seria injusto maculá-lo de tratado técnico sobre elementos específicos do meio policial, em que pese alguns parágrafos generosos discorrendo sobre métodos investigativos de modo sutil, quase desprezioso. As histórias são reais — e por isso a identificação com o nosso cotidiano é imediata —, mas os personagens ganham nomes e apelidos diferentes, uma prudência jurídica para evitar o polo passivo de uma ação por uso indevido de imagens.

Também o Renato não é Renato. Nem o autor, tampouco o personagem. Ouseja: temos em mãos os registros clandestinos de um Brasil que estaria condenado ao esquecimento, não fosse a coragem de quem criou a figura de Renato, a manilha literária que, sem dúvidas, é a melhor tradução de um estilo indireto livre de narrar, onde personagem e autor se fundem em uma entidade transparente, misturando os trejeitos de ambos dentro da própria narração. É a memória — a guardião do cérebro (segundo o desespero de MacBeth) — o objeto deste trabalho. Ao contrário do memorioso Funes, as recordações, aqui, não são reproduções obsessivas de um passado ao qual se nega o deleite do esquecimento. Por outro lado, também não se pode dizer que são meros devaneios subjetivos. Aos curiosos, adianto que os fatos de cada noveleta têm registros formais e podem ser confirmados.

Se é verdade, eu não me atrevo a buscar a comprovação. Mas que parece, parece.

Roger Franchini<sup>1</sup> – inverno de 2022.

---

1. *Roteirista e autor dos livros Ponto Quarenta, Toupeira - A História do Assalto ao Banco Central, Richthofen, Amor Esquartejado e Matar Alguém.*

## PRÓLOGO

Paiefilhasebrindamcommerecidointervaloparadescansoapósmodorrentasvinteequatrohorasnoarmonitorandotodotipodeconversas,atémesmopensamentos.Renatoantecipa-seaRaysha—algoquesemprefezdebrincadeira parapegar o controle remoto antes da filha, quando ela era criança—eativa, destavez, o modo vocal coletivo do dispositivo de transmissão informacional, já integrado à “temperamental” Luzia.

— Escolhe alguma coisa aí pra relaxar, vai Luz — ele se acomoda na corroída e confortável poltronademeadosdoséculopassadoenquanto observa, maravilhado, o conjunto de telas finíssimas desenrolando do teto até o chão do quarto que ocupam na Cidade do Cabo, África do Sul. Nascido em 1972, apenas dois anos depois de pesados aparelhos de tevê de tubo transmitirem imagens coloridas no Brasil pela primeira vez, não cansa de se surpreender com a velocidade de galopante da evolução tecnológica desde então. Jamais imaginou que chegaria tão longe, sem falsa modéstia, tão em forma física e mental ao ano de 2052.

— Já disse que não gosto desta simplificação de meu nome — Luzia aumenta de propósito a luminosidade do ambiente e busca um tema aleatório exatamente para não se dar ao trabalho de analisar algoritmos e predisposições de seu usuário impetuoso.

— Isso aí, Luzia! Mulheres no comando! — Raysha põe lenha no costureiro crepitar que envolve a relação entre seupaiea assistente virtual de voz própria, algo estranho e fascinante ao mesmo tempo. “Um dia se entendem”, espera.

— Dá pra diminuir a luz, Lu-zi-a? Por favor? — ele pede, cheio de sarcasmo.

— Agora sim, meu senhor — ela atende na mesma moeda e tudo volta ao normal, menos a escolha do programa, é claro, um especial da CNN sobre roubos históricos a bancos no início do século 21.

Subitamente, imagens da ação técnica e brevede do grande assalto a

um aeroporto, em 2019, preenchem as paredes como pinturas ultrarealistas de inteligência artificial sem alma, navisão de Renato. Sempre se coloca com dois pés atrás frente a abordagens tendenciosas de poderosos conglomerados comunicacionais apoiados em tecnologias vãs.

— É com isso que você relaxa? Sinceramente...

Rayshadáumaprovocada,poissabemuitobemdaescolhaaleatória de Luzia, e se volta para a exploração de sensações amenas e gratificantes armazenadas em sua mente, graças ao Transmuta Neuro, espécie de subproduto comercial para a área da saúde, ainda em fase de testes, de seu ideal maior: as Redes Telepáticas.

Ao cerrar os olhos por dois segundos e acionar um comando mental preestabelecido, imediatamente se desliga do mundo exterior e mergulha nas profundezas de seu psique, em um tipo de viagem autodefinido que prescinde de estimulação por drogas ou qualquer outra substância externa aos sistemas nervoso central. Experimenta apenas sensações inconscientes positivas e altamente prazerosas. Mas, por garantia, deixa uma porta aberta para um rápido retorno à realidade em caso de urgência. Vai que Renato e Luzia entram em pé de guerra novamente...

A apresentação da CNN tem início.

“Foi como tirar doce de criança”, brinca o “jornalista” virtual — de pele perfeita, madeixas em desenho meticuloso e propositalmente desleixadas em áreas específicas, expressões faciais convincentes e tom de voz firme, porém com dissonâncias quase imperceptíveis plantadas de maneira a sintetizar o mais fielmente possível uma experiência vocal humana.

E continua: “25 de julho de 2019 representa um marco na história da criminalidade brasileira. Não somente pela facilidade com que seis homens muito bem armados, vestidos de policiais federais e guiando uma caminhonete clonada da PF, invadiram o terminal de cargas do aeroporto internacional de Guarulhos, na Grande São Paulo. Mas também devido ao curtíssimo tempo da ação, que não chegou a três minutos. E isso para roubar algo em torno de 770 quilos de ouro, 15

quilos de esmeralda e 18 relógios de luxo, em um valor aproximado de 117 milhões de reais na época.”

As imagens dos falsos policiais obrigando funcionários do aeroporto a entupirem a traseira da caminhonete de ouro, por meio do uso de uma empilhadeira, correram o mundo. E agora preenchem todo o espaço do quarto, com destaque inclusive para giros das cenas mais importantes em 360 graus, além de zooms potentes e reveladores. Nada, porém, que aguce a atenção de Renato Júnior, cada vez mais enterrado na poltrona, imerso em devaneios lúcidos.

Até que, finalmente, o apresentador virtual dá uma daquelas derrapadas difíceis de ignorar.

“Investigações posteriores do competente departamento da polícia civil responsável pelo acompanhamento do caso, em São Paulo — Brasil, levaram à captura de sete suspeitos, sendo que um deles, justamente o ourives, morreu de câncer na prisão, antes mesmo do julgamento, que só ocorreria em março de 2021. Nesta ocasião, os seis réus restantes foram condenados a penas que, somadas, ultrapassaram 221 anos de reclusão, em um claro recado a bandidos de plantão. Infelizmente, apesar dos reconhecidos esforços da polícia, nem um grama sequer do ouro foi recuperado até hoje.”

— Quem merda é essa!? Competente departamento? Claro recado? Reconhecidos esforços? Só pode ser sacanagem, não é possível! — ex-agente da Polícia Federal, membro do Alpha-Bravo Amortais, referência viva no combate a crimes violentos no Brasil e no mundo, Renato Júnior ergue-se indignado. Conhece de ofício a podridão do ser humano. E brada para a assistente: “Tira agora essa porcaria do ar!”

Raysha percebe a agitação do pai e logo retorna de seu estado de torpor neural.

— Mas que confusão toda é essa, pai? — pergunta ainda zozona com a volta repentina.

— Iss mesmo, continue dando parabéns a essa... essa Luzia. Como essa máquina pode selecionar um lixo de programa assim?

— Tudo bem, vou reprogramar alguns detalhes, mas se acalme, por favor. Sua pressão já subiu...

— Não se preocupe com minha pressão. Não sei o que é viver sem pressão insuportável de todos os lados. E, afinal de contas, os robôzinhos microscópios correndo em minhas veias resolverão esse pequeno contratempo rapidinho.

— Do jeito que você se expõe a riscos, vai chegar uma hora que nem a mais sofisticada tecnologia poderá salvá-lo. E precisou de tempo contigo, você me deve isso.

— Certo, tudo bem, mas deixe Luzia como está, sem reprogramações. Para ver se aprende de uma vez como os fatos se desdobram na realidade. A senhorita também, sente-se aqui, pois tenho muito a contar sobre esses acontecimentos. Esqueça tanta baboseira já ouvida.

Raysha olha Renato com um misto de alívio, culpa e rancor. Desde seu inesperado reencontro, em 2050, com o pai que já considerava morto há tanto tempo, tem repartido toda sua rotina com ele em missões do Alpha-Bravo Amortais mundo a fora. De pacata pesquisadora acadêmica a agente ultrassecreta a serviço da paz mundial, mesmo que muitas vezes assim não pareça.

A verdade é que, quando qualquer momento de calma se apresenta, por mais breve que seja, gosta de ouvir histórias do seu velho, como essa do assalto ao aeroporto em 2019. Por onde andou, o que fez de vida, por que demorou tanto a voltar? Precisa recuperar o tempo perdido junto a ele. Ainda se belisca quando vê Renato Júnior ao seu lado, em carne e osso, desaparecido por 30 anos, desde janeiro de 2020, depois de descobrir um plano de façanha brasileira para matá-lo no território que esses criminosos mais dominam: o presídio. Sim, devido a circunstâncias que ainda desconhece, seu pai fora preso, o que, de alguma maneira, forçou o súbito e irreparável desaparecimento. E ela só tinha 15 anos...

Apesar de exausta, Raysha junta-se ao pai. E pergunta:

— Mas, afinal, esse roubo foi há tanto tempo... que diferença faz?

— Isso que você ainda não percebe. Esse roubo faz toda a diferença, até hoje, finzinho de junho de 2052. É a causa de estarmos nesse quartinho malcheiroso da Cidade do Cabo.

Cheio de orgulho por ficar com a palavra final, Renato se apruma para narrar a versão clandestina de verdades difíceis de acreditar.

Prepare-se, leitor(a). Agora o livro começa para valer!

## TEMPLO ABSOLUTO DA CORRUPÇÃO

Aquela aliança foi o começo do que ninguém imaginava. O pulo do gato de dois grupos criminosos já robustos em searas distintas e compúblicos-alvo igualmente diferentes. A facção visava, sobretudo, a rentável atacado das drogas; o templo neopentecostal, a numeroso e não menos lucrativo varejo da crença alheia. Aliança forjada a fé, ouro e fogo.

Logo de início, tiveram o êxito monumental de dilapidar 770 quilos do metal precioso, além de joias e relógios de luxo, algo em torno de 117 milhões de reais na época, julho de 2019. A execução em si, todos sabem, exigiu dos bandidos poucos minutos desde a entrada no terminal de cargas do aeroporto paulista, em caminhonetes clonadas da Polícia Federal, até a evasão tranquila com o produto do roubo.

Tudo isso sem um único disparo realizado. Mas tenha certeza de que longos meses de planejamento meticuloso e o valor considerável em dinheiro (um milhão de reais, dizem) foram aplicados sem reservas para o sucesso verificado nesta primeira etapa da ação criminosa.

A dificuldade maior sempre vem depois, ou seja, escoar o volumoso e pesado material roubado e escapar ilesos para desfrutar dos louros da empreitada. Do contrário, de que adianta tanto trabalho? Porém, ao que parece, também venceram tal fase dentro do planejado, sem grandes percalços. Ao menos para os cabeças de verdade.

—E agora, chefe? Rota limpa, perfeita— comemora, remotamente, integrante do grupo criminoso, responsável por tirar do rolo pessoal de campo.

— Ótimo, siga o plano. A ambulância aguarda no local indicado — diz o chefe.

— Já descobriram as viaturas da PF?

— Apaga tudo, troca o chip. Hora de ficar mansinho na toca. Ninguém vai querer pegaressa em investigação, como previsto. Deixa o shofotes com o meu pessoal.

— E os federais, chefe?

— Esquece esse povo. O momento deles é surfar nas ondas de cri-



mes contra políticos e enxugar um iceberg sem fim de drogas.

Não gosto de coincidências oportunas. Está certo que ainda havia muita controvérsia em torno de atribuições quando ocorrências envolviam aeroportos. Uns defendiam que, se infração acontecesse antes da área de embarque ou fora da zona de segurança, onde ficamos aviões, o caso deveria simplesmente ser assumido pela Polícia Civil. Entretanto, o roubo teve execução no terminal de cargas, uma espécie de limbo jurídico. De qualquer maneira, usaram o emblema do Departamento de Polícia Federal. Tal ousadia, por si só, representaria motivos suficientes para avocarem a competência das investigações para a esfera federal. Estranhamente, isso não ocorreu.

“E onde entra a fé nessa bagunça?” — você deve se perguntar. Meses se avolumaram em névoa ofuscante de qualquer fio investigativo que levasse, de fato, aos envolvidos de peso. Normal quando existem infiltrados na própria polícia.

— E aí, chefe, novidades? Beirada de novembro já. Tãome cobrando presente do Papai Noel.

— Opa, diga que os livros chegaram e serão enviados recheados a cada irmão com a bênção do Senhor. Vão aproveitar a reta final do ano pra escalpelar os pobres coitados nos cultos.

— Fogueirado Apocalipse, Trombetas do Arrebatamento, essas coisas, né?

— Exato, o Supremo só quer dinheiro vivo pra essa operação, evitar rastros, entende?

— Mas é muita barra reluzente, tá louco, meu?

— Fica na tua, mano, e deixa o resto com a gente. Tá caminhando. Quando tiver notícia, te aviso — o chefe dá um cascudo virtual no integrante atrevido.

\*\*\*

Com a mão pesada da providência divina, o Templo Absoluto do Pai Altíssimo (Tapa) originou-se de modestos encontros em uma praça de subúrbio carioca, sob o comando do ambicioso Supremo. Corria

o ano 77 do século passado, e o astuto líder da recém-criada igreja neopentecostal logo enxergou o poder arrebatado da comunicação para a glória do projeto. Emissoras de rádio, retransmissoras de tevê, jornais e revistas, editoras, selos fonográficos, produtoras de audiovisual, internet, redes sociais e metaverso formam o conglomerado que só faz crescer junto com o império religioso. Até hoje.

Laurejan Ferraço (esse nome soa familiar?) tem uma história, agora engraçada, sobre esses primórdios do Tapa. Isso nos idos de 1988. Vale a pena esse breve parêntese:

— E então? Equipamento no ponto? Nada pode falhar, hein!

— Relaxa, Laurejan. Os obreiros nem vão desconfiar.

— É o meu e o das meninas que tão na reta. Se é pra gente se ferrar, que seja com pilhas novas.

— Tudo certinho com o gravador. A câmera já tá com filme 36 poses. E tem aí outros dois rolos sobressalentes. Tirou o flash, né?

— Cacete, bem lembrado!

— Traz um a cerveja aqui promeu amigo estressado hahaha! Vamos desmascarar esses canalhas, irmão! É um momento histórico.

O grupo de amigos adolescentes, metidos a jornalistas investigativos que iriam mudar o mundo, planejava incursão não autorizada ao Cine Baronesa, último e combalido cinema de rua da zona oeste do Rio de Janeiro, no que seria o culto inaugural da mais nova filial do Tapa onipresente. O gravador National, tijolão de uns 40 centímetros de comprimento e com mais de um quilo, e a câmera Yashika MF-2 Super ficaram acondicionados na mochila velha de guerrado jovem idealista de classe média.

— Tirou os bótons de paz e amor, ying yang, John Lennon, essas bostas que você curte, né? — provoca Radical, único maior de idade da turma. Devido a seu perfil impulsivo, fora designado o relevante papel na retaguarda. Apesar de diplomático, Laurejan sempre preferiu estar lá de adodo loucos honrados e fiéis. São muito mais confiáveis na hora do “pega pra capá”.

No grande dia, três membros da intrépida trupe do combativo fanzine Catilinária, jornalzinho xerocado e distribuído na cena underground carioca, adentraram no território inimigo. As poltronas do velho cine abrigavam, na maior parte, hordas de gente humilde. Muito jovem, bem nutrido, com postura de revolta, o trio avançado deste ou logode início. Contudo, Laurejan teve tempo razoável para registrar os impérios do Supremão:

— Agora, levantem suas bolsas, carteiras, talões de cheque. Ergam seus anéis, colares. Dispam-se de toda vaidade. Deus lhes dará em dobro tudo aquilo que doarem de coração ao nosso templo!

“Se o Radical estivesse aqui, mataria esse anticristo sem pestanejar”, pensa Laurejan. “Até onde esse absurdo vai chegar? Ninguém vê o potencial destrutivo desse cara?” Estava ali, anestesiado entre cânticos libertadores de qualquer discernimento crítico e o vaivém das acolinhadas, quando finalmente foi abordado por um obreiro:

— O que tem na mochila?

— Não é da tua conta — retruca de bate-pronto.

Procurou as duas amigas e constatou que também estavam cercadas. Hora de ativar o plano de fuga.

— Vamos ali dentro, e sem gracinhas, viu?

— Nem pensar, seu babaca escroto.

Como sinal combinado, os três se uniram em retirada repentina e estratégica, o popular “se bonas canelas”. Trombada e esquiva saluciantes levaram os amigos fujões para o lado de fora, onde o possante Passat branco do Radical os aguardava de portas abertas, motor roncando. Os obreiros perseguidores pararam na calçada, incrédulos com a poeira que levaram.

Namadrugada do dia seguinte, estamparam a primeira edição semanal do Catilinária nas vidraças e paredes do Tapa/Baronesa. Usaram aquela colagem mentada fixar cartazes em ruas. E comemoraram a ação exitosa como se não houvesse amanhã.

Porém, a briga entre o franzino fanzine Catilinária Davie e o robusto

conglomerado comunicacional evangélico Goliasteve, é claro, desfecho diverso da ficção bíblica. O Tapa seguiu seu rumo inabalável de conquistar o mundo por meio de seus mercadores da fé. E o Catilinária, esmagado, morreu na praia de aspirações maiores do que as pernas finas de seus integrantes idealistas.